



Licenciatura em
**ARTES
VISUAIS**
com ênfase em
DIGITAIS

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

ARTE COM A NATUREZA: Experimentos de Pigmentos Naturais na Educação do Campo em Alternância

Adriene Viana Lima

Ilhéus BA
2018



ADRIENE VIANA LIMA

ARTE COM A NATUREZA: Experimentos de Pigmentos Naturais na Educação do Campo em Alternância

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Marluce Vasconcelos de Carvalho.

Ilhéus BA
2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

Adriene Viana Lima

ARTE COM A NATUREZA: Experimentos de Pigmentos Naturais na Educação do Campo em Alternância

Monografia apresentada junto à Unidade de Educação a Distância e Tecnologia – EADTec/UFRPE como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Aprovada em __/__/____ (data da apresentação)

Banca Examinadora:

Nome do(a) orientadora (sigla da instituição)

Presidente e Orientador(a) Marluce Vasconcelos de Carvalho.

Nome do(a) examinador(a) (sigla da instituição)

Examinador(a)

Nome do(a) examinador(a) (sigla da instituição)

Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Ao nosso bom Deus, por ter me dado força, coragem, serenidade e perseverança em todos os momentos levando-me a concluir o curso.

Aos meus pais, Aurino e Ana que me ensinaram o valor da honestidade e dos pequenos detalhes da vida; e aos meus irmãos em especial minha irmã gêmea Adriana Viana Lima que apoiaram e colaboraram em várias situações.

Ao meu querido esposo Elder Pedreira de Souza, meu companheiro de todos os dias.

Agradeço a coordenação e a todos os professores que me ensinaram e contribuíram para minha formação no curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Ao colégio em que a pesquisa foi realizada, em especial os alunos e professores: do curso de Agroecologia na modalidade PROEJA que funciona com a Pedagogia da Alternância, pela disponibilidade em contribuir com este estudo.

A minha professora e orientadora Marluce Vasconcelos de Carvalho, por ter acreditado no meu trabalho, pelo profissionalismo, principalmente pela oportunidade de aprendizado.

À professora Tutora Presencial Janille que durante os quatro anos de curso estava sempre disponível a nos atender.

Aos meus colegas do curso Imara Queiroz, André, Joimara pelo companheirismo, confiança transmitia.

Aos mestres, que nos ensinaram a buscar o conhecimento e a sabedoria.

E a todas as pessoas que, direta e indiretamente, cooperaram para a concretização desse projeto de pesquisa.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	07
2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA.....	09
2.1 O Ensino das Arte no Campo.....	16
3 METODOLOGIA DO PROJETO ARTE COM A NATUREZA.....	18
4 DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS DO PROJETO.....	24
4.1 Atividades de pinturas com o tema: Preservação da natureza.....	32
Considerações Finais.....	40
Anexo 1 – Entrevistas.....	45

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito produzir tintas a partir da natureza/campo e utilizá-las nas aulas de arte. O que me levou a pesquisar sobre tal tema foi o anseio de conhecer cada vez mais o campo e as possibilidades de transformar os materiais naturais em artísticos, sustentáveis, para as aulas de arte, bem como promover o desenvolvimento artístico dos estudantes. A experiência foi realizada com os estudantes do curso de Agroecologia PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos), que funciona em Alternância, em uma escola do campo, no município de Arataca-BA. Para o desenvolvimento de tal estudo contou-se com o aporte do ensino da arte no contexto da Educação do Campo e Pedagogia da Alternância, propondo práticas artísticas a partir de materiais coletados da natureza. No resultado desta pesquisa, pude observar que os estudantes desenvolveram atividades artísticas, diferentes das que já tinham costume de fazer. A experiência realizada de produção de tintas junto aos estudantes foi bem aceita por todos, oportunizando novas aprendizagens em Arte em diálogo com a pedagogia da Alternância.

Palavras-chave: Arte na Educação do Campo, Pigmentos naturais, Pedagogia da Alternância.

ABSTRACT

The present work aims to produce paints from the nature / field and use them in art classes. What led me to research on this subject was the desire to know more and more the field and the possibilities of transforming the natural materials into artistic, sustainable ones for the art classes, as well as to promote the artistic development of the students. The experiment was carried out with the students of the Agroecology course PROEJA (National Program for the Integration of Professional Education with Basic Education, in Youth and Adult Mode), which works in Alternance, in a rural school, in the municipality of Arataca-BA. For the development of such a study was contributed by the teaching of art in the context of Field Education and Alternation Pedagogy, proposing artistic practices from materials collected from nature. In the result of this research, I could observe that the students developed artistic activities, different from those that already had custom of doing. The experience of producing paints with students was well accepted by all, offering new learning in Art in dialogue with the pedagogy of Alternation.

Keywords: Art in Field Education, Natural Pigments, Alternance Pedagogy.

1 INTRODUÇÃO

O apreço que tenho pela Educação do Campo e a Pedagogia da Alternância teve início em minha vida há pouco mais de 15 anos. Envolvi-me com a área quando, ainda cursando o magistério, pude ter a experiência de trabalhar na educação do campo no Assentamento de Reforma, no município de Belmonte, na Bahia. Como a Educação do Campo busca expressar a ideologia e força dos movimentos sociais do campo, no âmbito do fazer educacional, considero importante trazer neste trabalho uma reflexão acerca da importância do ensino da arte no contexto da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância, relativa ao uso de alternativas sustentáveis, que façam parte do cotidiano dos jovens camponeses.

Egressa da Escola Família Agrícola de Itororó-BA, filha de agricultor do assentamento Tuiuty, no município de Belmonte, no extremo sul da Bahia, venho acompanhando o processo de militância por uma educação diferenciada, que respeite as particularidades do sujeito e proporcione formação integral. Nesses quinze anos de trabalho com os Centros de Formação por Alternância, como uma das fundadoras da Escola Agrícola Comunitária Margarida Alves e professora de arte junto aos alunos do Proeja, do curso de Agroecologia, espero que esta pesquisa sirva como referência para outros professores de arte e como ponto de partida para novos projetos de ensino de Arte no campo.

De acordo com Begnami:

Os projetos de desenvolvimento devem estar permeados de valores educativos: da justiça social, da economia solidária, do respeito à natureza, da equidade de gênero, geração e etnia, da democracia participativa, etc. [...] Partindo das experiências sociais e profissionais que o (a) envolve, com um projeto educativo que dá sentido e o (a) acompanha na construção do seu projeto pessoal profissional. Não se trata de uma formação individualista, nem isolada, senão uma formação para a responsabilidade própria dentro de um contexto social concreto. Inserido em seu meio familiar e comunitário ele ou ela vai se tornando agente de desenvolvimento do mesmo (BEGNAMI, 2006 p.44 e p.45):



Portanto, foi pensando em um projeto em prol dos estudantes da comunidade e em consonância com a minha atividade de professora de Arte que busquei pesquisar no campo, no lugar que ensino, materiais para as aulas, originado essa pesquisa, que pretendeu responder como contribuir para o ensino de arte dos estudantes do curso de Agroecologia PROEJA, do município de Arataca-BA, que tem como base a pedagogia da Alternância.

Com o nome “Arte com a natureza”, desenvolvi um projeto de pesquisa que teve como objetivo geral produzir tintas a partir de materiais coletados da natureza, como plantas e argilas, para trabalhar nas aulas de Arte, na educação do campo. Como objetivos específicos: transformar os materiais naturais em materiais artísticos, sustentáveis, para as aulas de arte e, promover o desenvolvimento artístico dos estudantes por meio de práticas e atividades artísticas.

É importante frisar que nesta monografia está explícito apenas as primeiras experiências do projeto, porém ele terá continuidade e será avaliado constantemente pelo professor e alunos, para que sejam introduzidas novas práticas e experiências, que envolvam cada vez mais o estudante no campo, lugar em que vivem e estudam. Sendo assim, as experiências iniciais se deram a partir da coleta de folhagens e vegetais para a produção de pigmentos naturais com os estudantes do curso de Agroecologia PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos), que funciona em Alternância, no município de Arataca - BA. Esse assentamento situa-se às margens da BR 101, a 560 km de Salvador e é o resultado de um processo de luta e resistência dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que, no dia 8 de março de 1993, ocuparam o latifúndio denominado Fazenda Bela Vista, há 4 km da sede do município de Arataca – BA.

As experiências realizadas foram descritas na metodologia deste trabalho. E, como modo de estruturar esta pesquisa, além deste capítulo da Introdução seguiram os capítulos: “Educação do Campo e Pedagogia da Alternância”, “Metodologia do projeto Arte com a Natureza”, “Desenvolvimento e Resultados do projeto” e as “Considerações finais”.

2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA

Este capítulo tem por objetivo refletir sobre a relação entre Educação do Campo e a metodologia da Pedagogia da Alternância, elo de ligação entre os propósitos do curso de Agroecologia e da presente pesquisa, que visou a implantação do projeto “Arte com a Natureza”.

Segundo Araújo (2005) a história da educação no Brasil revela o não acesso ou o acesso precário da população do campo à educação.

Educação de qualidade constituía e ainda constitui, em grande medida, privilégio de classe. Os currículos, conteúdos e calendários urbanos, escolas precárias, entre outros, além da ausência de políticas públicas estratégicas, consistentes e contínuas, asseguradoras desse direito, são indicadores do descaso que historicamente caracterizou o poder público em relação à Educação do Campo (ARAÚJO, 2005, p. 174).

Mesmo sabendo que o nosso país é eminentemente agrário, as Constituições brasileira anteriores a 1988 nunca se referiram à Educação rural como uma forma específica de trabalhar em sala de aula. Sendo referenciada apenas a partir desta última, a de 1988, no artigo 212, que proclama “a educação como direito de todos, e dever do Estado”.

Constata-se que a educação do campo desencadeada no século XX por meio dos movimentos sociais nunca foi uma preocupação das políticas educacionais as particularidades dos camponeses.

De acordo com Caldart (2008), a Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas.

O campo precisa de escolas apropriadas para as pessoas que ali residem visando maior desenvolvimento dessa população. Segundo a afirmação Fernandes (2006, p.30):

Para o desenvolvimento do território camponês é necessária de uma política educacional que entenda sua diversidade e

amplitude e entenda a população camponesa como protagonista propositiva de políticas e não como beneficiários e ou usuários.

Em 2003, com a institucionalização das Diretrizes da Educação Básica no Campo, nasce uma nova expectativa de desenvolvimento de uma política que forme os sujeitos camponeses de modo integral, ou seja, uma educação que leve em consideração o contexto socioeconômico, político histórico e cultural, pois, as diretrizes propõem que os currículos, conteúdos, metodologias, calendários e ambientes de ensino aprendizagem devam ser apropriados à realidade do jovem camponês. No entanto, sua aplicação não acontece de fato, na medida em que ainda é perceptível, nas reivindicações por parte dos movimentos sociais, uma educação de qualidade no campo.

A educação do campo de qualidade é um direito constitucional. As orientações das Diretrizes Operacionais do Campo para a Educação Básica nas escolas do campo, no cumprimento do instituído na Lei nº 9394/96-LDB, estabelece diretrizes curriculares para a educação infantil, ensino fundamental e o médio, educação de jovens e adultos, educação indígena e a educação especial. Mas é por meio do Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010, que verificamos as disposições sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA.

Segundo Paulo Freire “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados, estamos todos nos educandos. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos” (FREIRE, 1983, p. 28)

De maneira que, no percurso formativo entre casa-escola o educando experiência sua realidade, torna-se elemento crítico formador, sendo agente de um processo dialético, de evolução, através da participação da produção de novos conhecimentos, por meio da análise do que vê na escola e do que vive na própria comunidade.

De acordo Gimonet (2007), na Pedagogia da Alternância há necessidade de se elaborar um plano de Formação, “que é uma ampla ordenação da

coerência em torno da formação, da educação, da orientação e do desenvolvimento da pessoa vivendo num determinado contexto”.

Ainda sobre o plano de formação, Gimonet (2007, p.70) afirma que:

A formação alternada supõe “dois programas” de formação: o da vida e o da escola. O primeiro oferece conteúdos informais e experienciais, e o segundo conteúdos formais e acadêmicos. Cada um desses “programas” possui sua própria lógica. O Plano de Formação tem como objetivo reunir numa terceira lógica, as duas lógicas complementares, mas muitas vezes, contraditórias, que são a da vida e a dos programas escolares.

A Pedagogia da Alternância, valoriza o sujeito do campo e permite uma educação diferenciada e que vai além das quatro paredes da sala de aula:

Criar uma escola que não prende adolescentes entre paredes, mas que lhe permita aprender através dos ensinamentos da escola, mas também através dos da vida cotidiana, graças a uma alternância de estadias entre a propriedade familiar e o centro escolar (GIMONET, 2005, p. 76).

A pedagogia da Alternância acredita na agricultura familiar e no desenvolvimento do campo através de pequenas propriedades e até em trabalho coletivo com afirma (ZAMBERLAN, 1996, p. 9). A Escola Familiar Agrícola (EFA) foi se espalhando, principalmente nas regiões onde predomina a pequena propriedade familiar ou até coletivo-comunitário (no caso de alguns países africanos).

A Pedagogia da Alternância tem um papel importante, na formação dos sujeitos articulando a pesquisa sobre a realidade local fortalecendo o desenvolvimento local e regional.

A seguir temos os três sujeitos que compreende essa pedagogia:

Figura:1 Esquema da dinâmica da Pedagogia da Alternância



Fonte: UNEFAB – Folder de divulgação Metodologia das EFA's.

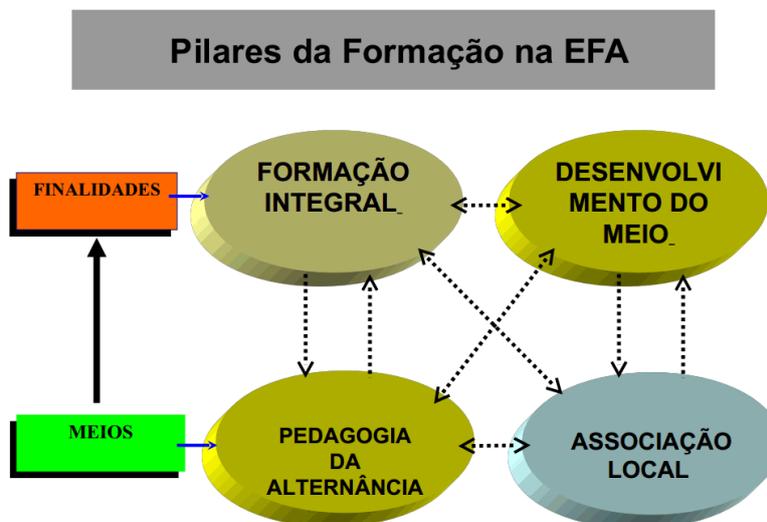
É neste contexto que se distingue a Pedagogia da Alternância das demais e a importância da mesma através da implantação dos seus instrumentos pedagógicos.

Segundo Begnami (2005), a pedagogia da alternância apresenta as seguintes características:

- 1- O/a educando /a como ator de sua própria história formação
- 2- Um projeto educativo
- 3- A propriedade da experiência, ponto de partida e de chegada do processo educativo
- 4- Uma rede de parceiros que colaboram na formação
- 5- Um dispositivo pedagógico apropriado ou uma didática específica
- 6- Um contexto educativo favorável
- 7- Uma concepção específica de educador/a

Estas características são apresentadas em quatro pilares que podem ser visualizados no gráfico a seguir:

Figura: 2 Representação gráfica dos quatro pilares das EFA's.



Fonte: Calvó (2005). In: Revista Formação por Alternância.

Cada um desses quatro pilares tem um enfoque importante na interligação entre si.

As Escolas Famílias Agrícolas utilizam o método da Pedagogia da Alternância. Os pilares que compreendem as EFAs estão constituídos pelas finalidades que são: Formação Integral e Desenvolvimento e pelos meios que são a Pedagogia da Alternância e Associação Local. De acordo com Begnami (2005), dos quatro pilares dois são objetivos e dois são meios para se atingir estes objetivos.

A educação Integral é um dos instrumentos de conexão da metodologia da Pedagogia da Alternância. A formação integral de acordo com Rocha (2007 p.15):

(...) é uma formação vista em todos os seus aspectos: pessoas, profissionais, culturais, político, ético, etc, que perpassa todos as nossas ações, nos proporcionando inúmeros aprendizados e experiências. Essa formação ocorre à medida que lhe é agregada de forma dialética e articulada suas várias dimensões: cognitiva, afetiva, relacional, emocional, corporal, estética, ética e espiritual.

A Pedagogia da Alternância pensa a educação de forma integral e prepara o indivíduo para atuar na sociedade. A educação Integral torna-se um desafio não só para a Pedagogia da Alternância, mas as ações educativas do campo, que possam aprofundar a teoria do conhecimento que queremos realmente transformar, ou como nos fala Arroyo (1994).

Temos como objetivo o desenvolvimento integral dos alunos numa realidade plural, é necessário que passemos a considerar as questões e problemas enfrentados pelos homens e mulheres de nosso tempo como objeto de conhecimento. O aprendizado e vivência das diversidades de raça, gênero, classe, a relação com o meio ambiente, a vivência equilibrada da afetividade e sexualidade, o respeito à diversidade cultural, entre outros, são temas cruciais com que, hoje, todos nós deparamos e, como tal, não podem ser desconsiderados pela escola” (ARROYO, 1994, p.31).

Figura 03 - Diagrama da dinâmica da Formação Integral



Fonte: Begnami, 2005.

O projeto educativo de uma escola que usa a Pedagogia da Alternância desenvolve em dois tempos e oferece alguns benefícios no âmbito escolar, familiar e comunitário como afirma Begnami (2005, p. 41):

As vantagens no âmbito escolar são:

- * Espaço privilegiado de socialização, do aprender a ser, a conviver e a trabalhar em equipe;
- * Presença de uma equipe de educadores/as que acompanham de forma personalizada, estabelecendo um clima de amizade e respeito mútuo;
- * Um plano de formação que motiva a construção de um projeto profissional
Um currículo que parte da realidade e valoriza a cultura do estudante e sua comunidade;
- * Um conjunto de atividades informais complementares que estimulam a criatividade, a autonomia, a espontaneidade e a auto-estima.
- * A família que se envolve na vida da escola e da formação do filho.

Ainda segundo o mesmo autor, no âmbito familiar e comunitário as vantagens são:

- * A alternância permite a manutenção dos vínculos do jovem com sua família e comunidade;
- * Os estudantes não são distanciados de seus parentes, amigos e grupos da comunidade;
- * Ligações com as raízes, valorização da cultura local e cultura da autoestima;
- * Rompimento com preconceitos contra o meio rural e os povos camponeses;
- * Valorização da vida e priorização das experiências como meio de aprendizagem e lugar de intervenções;
- * Incentivo a práticas sócias, motivando os jovens a participar e a engajar-se em um grupo social concreto.

Esse tipo de educação contribui com a formação do jovem e o meio sócio profissional.

De acordo com o exposto, o nosso esforço foi no sentido de pesquisar de que maneira poderíamos contribuir para com o ensino de arte dos estudantes do curso de Agroecologia PROEJA, do município de Arataca-BA, que tem como proposta a pedagogia da Alternância. De modo que propusemos a instauração do projeto “Arte com a natureza”, com o objetivo de produção de tintas, para ser desenvolvido na referida escola de campo, que tem como base os princípios dessa pedagogia.

2.1 O Ensino de Arte no campo

Antes de nos deter sobre a metodologia do projeto de produção de tintas a partir da natureza, faz-se necessário uma breve reflexão sobre o ensino de Arte.

O ensino da Arte foi incluído no currículo escolar da educação básica no Brasil através do artigo 7º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, representando um avanço no entendimento da importância da arte na formação dos indivíduos. A arte funcionava como uma atividade educativa e não como disciplina e as ações eram baseadas na livre expressão ou na reprodução de imagens.

A Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabeleceu, em seu artigo 26, parágrafo 2º, o ensino da arte como componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Na atualidade, o ensino das artes aponta diversos caminhos para as práticas e concepções de atuação nos diferentes contextos educacionais, em resposta à complexidade e às rápidas mudanças socioculturais contemporâneas (FREITAS, 2007).

A arte na educação e na vida do jovem favorece a formação da identidade e a construção de um sujeito mais ativo e criativo. Na arte é possível perceber que há uma grande diversidade, principalmente nos padrões de beleza e na forma do fazer artístico.

Muito embora não haja disciplinamento específico na LDB, para o ensino de arte no campo, consideramos importante a reflexão da própria Pedagogia da Alternância existente nessas escolas, e especificamente na escola/ lugar da nossa pesquisa, pois é a partir dessa pedagogia, que valoriza e integra o tempo e os saberes do campo com os da escola, que podemos tomar como ponto de partida para a construção de um ensino de arte contextualizado.

Sobre o ensino de arte no campo, reportamo-nos ainda às considerações da professora Fabiane Pianowski:

O ensino de arte também deve estar contemplado na Educação do Campo, e do mesmo modo, a referência para esse ensino não pode se restringir aos cânones da história da arte ocidental ou aos modelos urbanos, ao contrário, é necessário que este ensino esteja contextualizado levando em consideração as particularidades e necessidades dos educandos do campo. (PIANOWSKI, 2014, p.70)

Desse modo, refletindo sobre o nosso próprio ensino de Arte no curso de Agroecologia PROEJA, do município de Arataca-BA, em que as aulas de Arte se baseavam nos estudos sobre a História da Arte, os movimentos artísticos e a produção de pinturas com temas desconectados com a vivência dos alunos, criamos esse projeto da Arte com a Natureza, que se desenvolveu como trabalho de conclusão de curso.

Na citada escola, local do desenvolvimento do projeto, são muitas as dificuldades encontradas pelos professores no ensino de arte. Faltam computadores e data show, faltam livros de arte e faltam materiais básicos para produção artística como papéis e tintas. Ao longo das minhas leituras me deparei com o trabalho de Jhon Bermond, uma apostila sobre pigmentos naturais, disponível na internet, e foi então que pensei em desenvolver o projeto “Arte com a Natureza”, para a produção de tintas a partir do próprio campo.

3 METODOLOGIA DO PROJETO ARTE COM A NATUREZA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que compreendeu o desenvolvimento de um projeto denominado “Arte com a natureza”, que visou a produção de tintas a partir da natureza, desenvolvida com os estudantes do curso de Agroecologia PROEJA, que funciona em Alternância, em uma escola do campo, no município de Arataca – Bahia.

Para o desenvolvimento desse trabalho, além de leituras bibliográficas sobre o tema, fizemos um levantamento de informações e coleta de dados com 9 estudantes do referido curso, por meio de questionário.

O questionário é um recurso técnico usado para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja. “A palavra “questionário” se refere a um meio de obter respostas às questões, por uma fórmula que o próprio informante preenche. Ele contém um conjunto de questões, todas logicamente relacionadas com um problema central” (CERVO; BERVIAN, 1978, p.107).

Vale ressaltar que a natureza de um questionário é impessoal, o que significa que o respondente não será nominado, deixando-os à vontade para responderem questões mais pontuais, de acordo com sua realidade.

Conforme Antônio Carlos Gil,

Os questionários apresentam certa semelhança com as provas escritas. Entretanto, cabe notar que uns questionários não existem questões verdadeiras ou falsas. O que se pretende com esse instrumento, à semelhança da entrevista, é identificar opiniões, sentimentos etc. (GIL,2012, p. 155).

As questões que elaboramos para o questionário desta pesquisa foram, em sua maioria, de caráter aberta, para que os estudantes tivessem oportunidade de expressar sobre o seu ponto de vista sobre as aulas de arte, para que pudéssemos conhecer a viabilidade desse projeto de produção de tintas a partir da natureza.

As questões postas foram as seguintes:

- 1- Qual é o seu gênero?
- 2- Qual sua idade?
- 3- Você gosta de aula de Arte?
- 4- O que você mais gosta na aula de arte?
 - Desenho espontâneo
 - Colorir com as cores que mais gosta
 - Pintura com tintas naturais
 - Outros
- 5- Já utilizou verduras, frutos, legumes, folhagens ou argila para fazer tintas em sala de aula? Se respondeu sim, de que forma?
- 6- O que você entende por tintas de origem natural?
- 7- Qual a sua opinião sobre a utilização de tintas naturais como ferramenta para as aulas de pintura?

Por meio desse questionário, obtivemos resultados que possibilitaram conhecer a realidade do ensino da Arte, na prática educativa da escola escolhida para ser o lugar da pesquisa.

A análise dos dados revelou que no curso de Agroecologia tem mais mulheres do que homens, conforme se pode observar no gráfico 1, a seguir:

Qual é o gênero dos alunos do curso de agroecologia PROEJA?

9 respostas

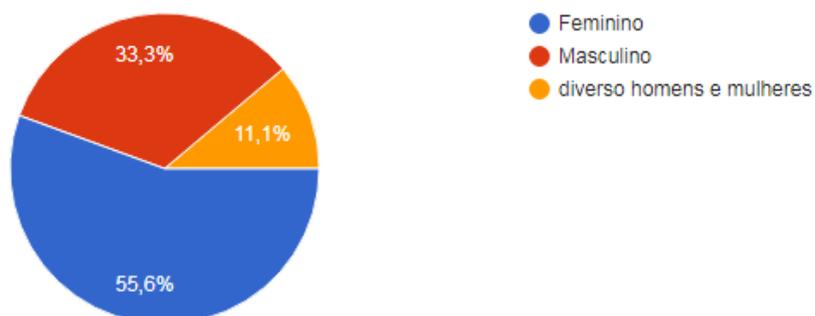


Gráfico 1. Faixa etária dos estudantes do PROEJA.

Fonte: a autora.

As informações contidas no gráfico evidenciam que, no curso tem mais mulheres. Os dados revelaram que 55,6 % são mulheres, 33,3% de homens e 11,1 diverso.

Faixa etária dos estudantes do PROEJA?

9 respostas

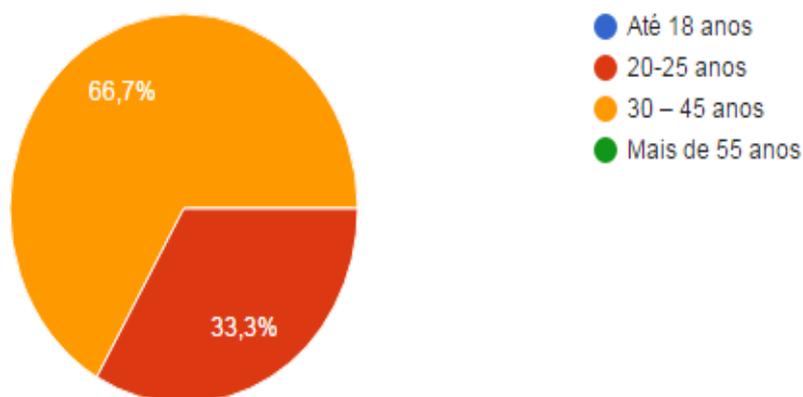


Gráfico 2. Faixa etária dos estudantes do PROEJA.

Fonte: a autora.

Os dados sintetizados no gráfico revelam que 66,7% dos estudantes do curso de Agroecologia PROEJA tem entre 30 a 45 anos e 33,3% tem menos de 25 anos.

Se os estudantes gostam das aulas de arte?

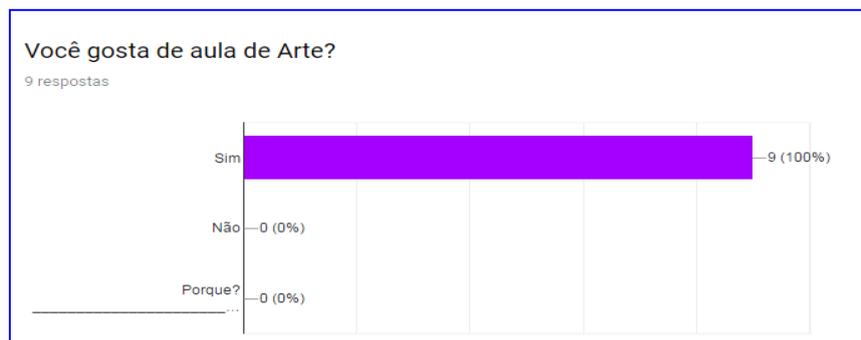


Gráfico 3. Gostam das aulas de arte?

Fonte: a autora

Nesse item, relativo ao gráfico 3. Os alunos foram unânimes em suas respostas, pois 100% afirmaram que gostam das aulas de arte.

O que você mais gosta na aula de arte?

9 respostas

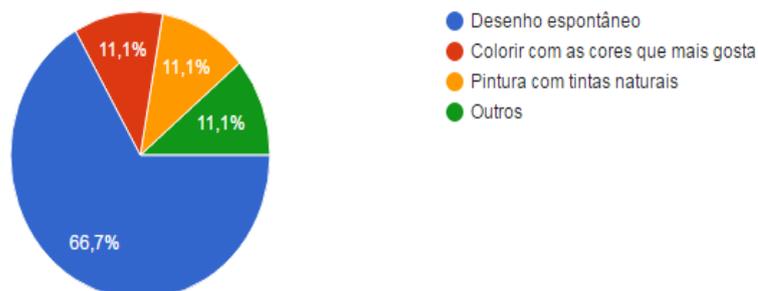


Gráfico 4. O que os estudantes mais gostam nas aulas de arte?

Fonte: a autora.

A questão 4. Sobre o que o estudante mais gosta na aula de arte, 66,7% dos estudantes responderam que gostam de desenho espontâneo, 11,1% gostam de colorir com as cores que mais gostam, os outros 11,1% dos alunos preferem pintura com tintas naturais e os outros estudantes, 11,1% escolheram outras aulas de arte.

Já usou verduras ou argila para fazer tintas em sala de aula?

9 respostas

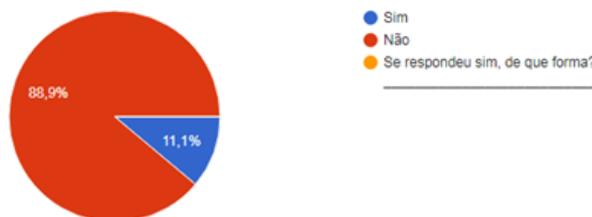


Gráfico 5. Se eles já usaram plantas ou argilas para fazerem tintas?

- Fonte: a autora.

A pesquisa abordou também questões sobre o uso de verduras/vegetais ou argila em sala de aula. As respostas obtidas foram: 88,9 % dos estudantes responderam que nunca usaram plantas, verduras ou argilas para fazerem tintas e 11,1% dos alunos disseram que já utilizaram esses produtos, para fazerem tintas, em sala de aula.

Em relação à utilização de tintas naturais assim como a possibilidade de virem a introduzir essas tintas em seus trabalhos nas aulas de arte, a maioria dos estudantes respondeu presencialmente, no nosso primeiro encontro, quando da iniciação do projeto. Eles revelaram que nunca tiveram atividades de arte com pigmentos naturais e que seria muito bom que esse projeto começasse a ser implantado, não somente no curso de Agroecologia PROEJA em Alternância, mas em outras turmas da escola, tendo em vista que se trata de aproveitamento de materiais do campo, lugar em que eles vivem e assim estariam contribuindo para uma produção de tintas de forma sustentável,

A maioria disse também gostar das aulas de arte, mas infelizmente não tinham material necessário para os trabalhos artísticos, pois trabalhavam apenas com alguns lápis de cores e hidro cores. Quando os lápis acabavam não eram repostos. Faltavam papéis e lápis grafite para o desenho. Nas escolas que estudavam, antes de ingressarem no curso de Agroecologia, as aulas eram somente para copiar imagens de obras das imagens de revistas que o professor levava para a sala de aula.

4. DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS DO PROJETO

As atividades para a obtenção de tintas, envolveu, inicialmente, uma breve apresentação do que seria o projeto de intervenção nas aulas de arte do curso de Agroecologia do PROEJA. Considerando o apoio dos professores da escola, que foram consultados em conversa informal, e a vontade dos estudantes, que se manifestaram favoráveis ao projeto, procedemos com a introdução do projeto, em formato de oficina, com as etapas descritas no quadro a seguir.

Quadro 1: Etapas da Oficina.

Etapas	Descrição das Etapas
Apresentação da Oficina/Sensibilização	<p>Ouvir as ideias prévias dos estudantes, sobre tintas da natureza</p> <p>Conversar com os alunos sobre o projeto, seus objetivos e o que se espera como resultados;</p> <p>Apresentação dos vídeos citados abaixo, para serem discutidos sobre as possibilidades. A Arte Contemporânea na escola favorece várias situações de aprendizagem como: despertar a reflexão, promover questionamentos diversos, fomentar confrontos de pontos de vista, propiciar a compreensão da pluralidade artístico culturalidades de produzir tintas e sobre as técnicas existentes.</p> <p>-“Tinta da terra – eco prático”; e</p> <p>-“Oficina de Pintura – Cores da Terra (Curso técnico Agronegócio de Ponto Alto) ”.</p>

Pigmentos e cores	Discussão sobre os diferentes tipos de cores e as experiências dos estudantes com tintas.
Vegetais e terras – Coleta para as experiências	Conversa com os estudantes sobre diferentes solos e vegetais, bem como suas cores e texturas. Escolha de lugares para a coleta
Fabricação de tintas com vegetais e argilas	Fabricação das tintas a partir de alguns vegetais e argilas e discussão sobre o porquê dos vegetais e argilas darem origem a diferentes tonalidades de cores de tintas.
Prática de pintura com um tema escolhido por eles.	Pinturas com as tintas que foram confeccionadas

Na fase de sensibilização, ficamos sabendo, pelos relatos dos estudantes, que poucos conheciam sobre a produção de tintas a partir da natureza. De maneira que apresentamos para os estudantes os vídeos: “Tinta da terra – eco prático”; e Oficina de Pintura – Cores da Terra, que mostram algumas experiências de produção de tintas feitas com pigmentos de tintas com vegetais e argilas.

No segundo momento tratamos sobre as cores. Qual o conhecimento das cores pelos alunos? Eles falaram dos lápis de cores que têm acesso e as tintas que pintam suas casas, mas em relação à feitura de tintas a partir da natureza, desconheciam. Nesse momento aproveitamos para falar um pouco das tintas que eram usadas pelos nossos antepassados citando Neubery, que informa:

Os povos pré-históricos usavam argila colorida e materiais queimados junto com sangue, gordura animal e cera de abelhas para fazer as tintas. Os romanos importavam púrpura feita de moluscos moídos e obtinham o vermelho de um mineral chamado cinabre. Os monges medievais usavam têmpera, uma

tinta feita de argila e minerais misturados com ovo ou cola. (NEUBERY, 2005, p, 10).

Cada artista tem sua própria maneira de fazer os seus trabalhos e de escolherem os artefatos a serem utilizados como os pincéis e as tintas, que são de produção industrial ou natural. Mas, no nosso caso é muito importante mostrarmos aos estudantes as possibilidades de criação das tintas por meio da natureza, para se trabalhar em sala de aula, em seus fazeres artísticos, pois estando em uma escola que possui a pedagogia da alternância como base, temos que ter uma concepção de ensino de arte contextualizada.

Apresentamos aos alunos uma tabela de cores contendo as primárias, secundárias, terciárias, assim como as cores frias e quentes, cores contrastantes.

Escolhemos os lugares para a coleta das plantas e argilas que foi no Assentamento Terra Vista, região bem próxima à escola e marcamos a data para a realização desses trabalhos.

Após a coleta nos encontramos no laboratório da escola para iniciarmos os testes, conforme a tabela abaixo:

Quadro 2. Confeções de Tintas com Pigmentos e Argilas

VEGETAL/ARGILA	CORES OBTIDAS
Urucum	Vermelho
Açafrão	Amarelo
Beterraba	Carmim

Para a confecção de tintas a partir do urucum podemos obter um pigmento diferente, dependendo da cor do fruto (cor laranja ou vermelha).

Figura 1. Urucum



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018

De acordo com a leitura da apostila de Jhon Bermond , (s/d), e os vídeos: “Tinta Caseira e Oficina de Pintura- cores da terra”, que tratam sobre a confecção de tintas a partir dos pigmentos naturais, fizemos várias experiências com vegetais e legumes, usando alguns aglutinantes como cola, polvilho de farinha de trigo e óleo. Em outras, usamos apenas água ou álcool.

Para o açafraão, partimos da seguinte receita: 2 colheres de sementes de urucum, 1 copo de água, 1 colher (sopa) bem rasa de polvilho ou farinha de trigo ou 1 colher de chá de cola, 1 colher de chá de óleo de cozinha.

Figura 2. Açafraão



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018

Figura 3. Pigmento amarelo a partir do açafrão.



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018

Experimentamos também a fabricação de tintas com os seguintes vegetais: beterraba (para a cor vermelha), cenoura (para a cor amarela), espinafre (para a cor verde). Colocamos cada um dos vegetais no liquidificador com um pouco de água e depois coamos o líquido com um pano de algodão. Guardamos as tintas em recipientes de vidro e fechamos com tampas. Observamos que as pinturas feitas com tinta vegetais são frágeis e não podem ficar ao sol.

Fig.4. Pigmento Carmim a partir da Beterraba.



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018.

Fig.5 Pigmento vermelho a partir do urucum



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018.

As tintas feitas com terra ou argila não perdem a cor, nem mesmo sob sol forte e não apresentam problemas de conservação.

A extração por peneira consiste em peneirar a amostra coletada até obter um pó fino. Este pó é o pigmento. Vejamos o passo a passo:

- Separe toda a sujeira que vem misturada à terra ou argila;
- Peneire na peneira de malha grossa;
- Peneire novamente em outra peneira de malha mais fina;
- Repita o processo em outra peneira mais fina;
- Guarde o pó obtido em um vidro.

Ao final dessas primeiras experiências, passamos para pensarmos sobre o trabalho artístico. As atividades teriam que partir do princípio que as escolas do Campo nos Movimentos Sociais trabalham com a valorização do sujeito do campo. Como os estudantes costumam participar de um momento de reflexão, que eles chamam de mística, resolvemos que a atividade prática fosse vivenciada e construída coletivamente por meio da mística, com elementos da natureza, por que lembram a vida do povo camponês.

A mística é uma ferramenta muito utilizada pelos movimentos sociais. De acordo com Santos:

Consideramos a mística no MST como signo, que enquanto tal reflete e refrata uma realidade. Enquanto manifestação própria da cultura do Movimento Sem Terra, a Mística é um acontecimento que pode ser capaz de refletir muito sobre os sujeitos que dela participam, fato que faz dessa expressão do movimento um objeto de estudo. (SANTOS, 2010, p. 14)

De maneira que, as experiências realizadas para a produção de tintas, relatadas anteriormente nesta pesquisa, foram incorporadas às atividades práticas com os estudantes, nas aulas de arte, por meio da mística.

Nessa atividade foi utilizado vegetais e argila para desenhar um livro e o nome do curso de Agroecologia (Figs. 6 e 7). Na mística estão presentes também, elementos essenciais para o fortalecimento da preservação do meio ambiente e da força coletiva, na luta pela reforma agrária e na efetivação de mudanças sociais do campo.

Fig. 6 Estudantes desenvolvendo a Mística, Projeto Arte da Natureza, 2018.



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018

E como a atividade proposta utilizou apenas elementos da natureza como matéria-prima, um dos estudantes se manifestou dizendo que esse tipo de atividade é muito interessante porque faz parte da rotina deles na zona rural. Acrescentou que nunca pensou em produzir um trabalho artístico apenas com esses elementos.

Por ser uma prática que traz elementos da natureza e que não é feita com suportes e materiais tradicionais, mas sim usando o chão ou o ambiente aberto os estudantes logo associaram a feitura da mística com a arte ambiental.

Fig.7 Estudantes desenvolvendo a Mística, Projeto Arte da Natureza, 2018



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018

Para essa atividade com a mística os estudantes ficaram quinze dias alojados no Assentamento, local onde decidimos fazermos a exploração das argilas e vegetais. Essa prática artística foi de grande relevância porque possibilitou a construção coletiva de uma atividade que é fonte de energia, que incentiva uma boa convivência com o meio ambiente, despertando-os para a nossa história de resistência, superação e força dos movimentos sociais do campo.

Nessa primeira atividade foi possível perceber que os estudantes estavam abertos a novas experimentos com produtos naturais já que o curso profissionalizante que eles fazem valoriza muito a preservação do meio ambiente.

Pretendemos dar continuidade ao projeto avaliando a pertinência do uso de tintas feitas com pigmentos de plantas e argilas na aplicação em artesanato e construção civil, ampliando assim, as experiências de promoção da sustentabilidade e o autoconhecimento. Nesse projeto contamos com a participação de quinze estudantes para a confecção de tintas e os mesmos

ficaram responsáveis em coletar a argila e vegetais para fazermos mais tintas e executarmos outras atividades de arte.

O projeto deverá ser ampliado no sentido de experimentar tonalidades, as mais diversas possíveis para a utilização em diversos materiais como papel, cerâmica, paredes, em que todo trabalho será voltado para o favorecimento desta comunidade.

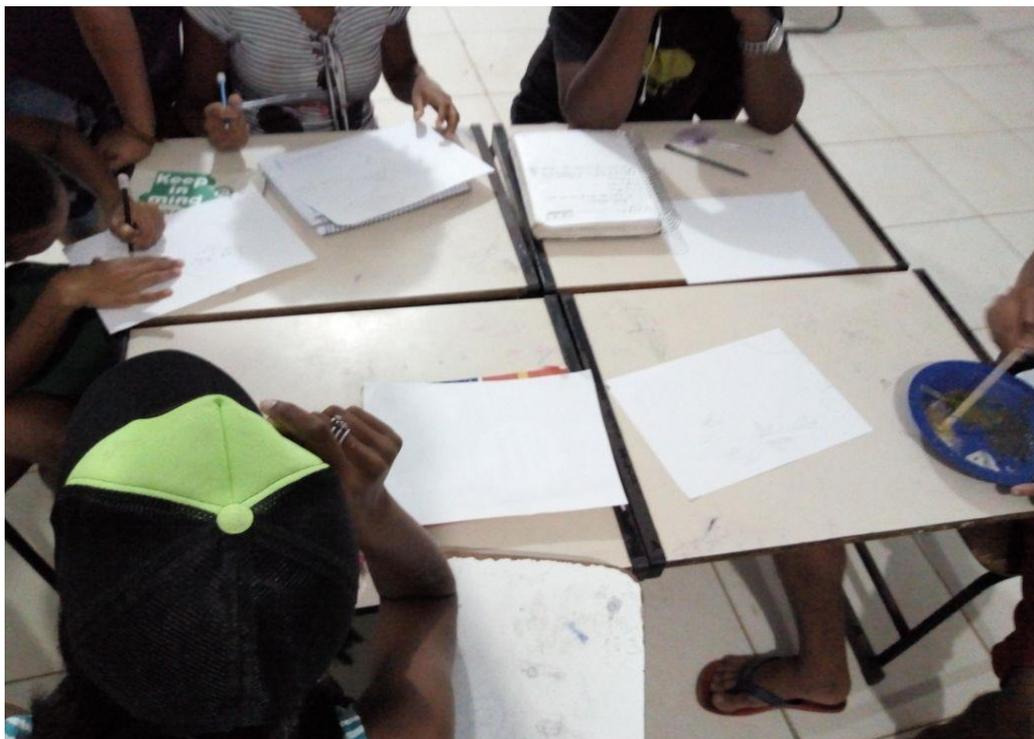
4.1 Atividades de pinturas com o tema: Preservação da natureza

Com a realização da atividade prática na mística e as primeiras experiências de fabricação de tintas, a professora, autora, em conjunto com os estudantes propôs outra atividade, agora para a utilização das próprias tintas produzidas por eles. Como tivemos um resultado muito positivo com a prática na mística, pois novos diálogos sobre arte surgiam, tal como a efemeridade da arte e arte ambiental, os estudantes sugeriram trabalhar com um tema relacionado a essas questões.

Discutimos sobre arte ambiental por meio das obras do artista, ativista ambiental, Frans Krajcberg (1921-1917), em que ressaltamos o trabalho desse artista como uma lição para nossa sobrevivência, por ele trazer em suas obras a natureza calcinada pelo homem. Àquilo que o homem destrói na natureza, Krajcberg reconstrói de forma bela, conforme os alunos puderam ver nas imagens que trouxemos de suas diversas esculturas.

Após conhecerem algumas obras de Krajsberg, eles próprios resolveram pintar a paisagem do seu entorno. De maneira que falamos das possíveis formas de preservar o meio ambiente e, na sequência, discutimos sobre a importância da preservação da natureza, não somente para os sujeitos que moram na zona rural, mas para o futuro da humanidade. Assim, eles começaram a parte prática do desenho e da pintura com as tintas de argila e vegetais produzidas pelos mesmos.

Fig. 8- Estudantes fazendo desenhos sobre a Preservação da Natureza



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018.

Após a elaboração dos desenhos, eles começaram a fazer suas pinturas. Alguns iniciaram com a argila. Colocaram a argila em um prato e em seguida foram colocando um pouco de cola para dar mais aderência e mexendo com um pouco de água até chegar ao ponto ideal para fazer a pintura. Todos ficaram admirados pois nunca pensaram que poderiam pintar com argila, um material tão comum, servindo como material artístico, os quais são muito raros nas escolas, por ter alto preço no mercado.

Fig. 9 – Estudantes pintando os desenhos



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018.

À medida em que pintavam falavam que essas mesmas tintas poderiam ser utilizadas para pintar paredes de suas casas e muros da escola. O que significa que esse tipo de aula de arte promove nos alunos um sentimento de comunidade; de grupo, pois são aulas que estão contextualizadas com suas vidas no campo.

Fig.10 – Estudantes pintando os desenhos



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018.

Durante essa atividade os estudantes necessitaram fazer novas tintas com vegetais e fizeram experimentos com argilas branca, vermelha, vermelha

clara e preta, conseguindo, assim, fazer misturas e obter cores secundárias e alguns tons de preto e cinzas.

À medida que pintavam iam descobrindo também novas formas de pintar, como por exemplo, pintar com um palito ou com os dedos e toda mão.

Conversamos sobre os elementos da linguagem visual no trabalho artístico, onde eles identificaram pontos, linhas retas, linhas curvas e texturas em seus trabalhos e nos dos colegas.

Fig.11 – Estudante pintando com um palito



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018.

Fig.12 – Desenho do pé de laranja finalizado



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018.

O aluno da foto acima explica o motivo por ter escolhido o palito para fazer a pintura do seu desenho sobre a preservação do meio ambiente.

“Para mim é uma novidade pintar um desenho com tinta de terra. Estou aqui fazendo primeiro uns pontos para mostrar um pé de laranja bem carregado e depois vou fazer o meu nome usando o palito e para fazer as linhas. ”

O desenho, conforme abaixo, em que aparece uma árvore uma casa e a chuva foi realizado por uma aluna e ela comentou que entendeu que preservação do meio ambiente é um lugar bem cuidado:

“Eu moro na zona rural e sei que é difícil estar em um lugar onde não podemos plantar e colher, por isso fiz uma árvore bem carregada de frutas. Esses pontos dentro da árvore são as frutas e em baixo da árvore são algumas flores que mostra um lugar bem preservado. ”

.Fig.13 – Desenho da aluna, árvore com frutas, casa e a chuva



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018.

A aluna acrescentou que por que fez um desenho de uma árvore e uma casa:

“Eu sou muito de observar a natureza e sei quando a gente não preserva o meio ambiente as plantas ficam assim como está na imagem: triste e sem vida. E fiz vários traços e pontos para definir a chuva no céu. ”

Fig.14 – Desenho com plantas, aves e o sol



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018.

A aluna explica o porquê da produção desse desenho com vários elementos da natureza:

“Eu procurei fazer um desenho que mostrasse alguns elementos mais importantes para a preservação ambiental por isso, fiz plantas, sol e aves no céu e percebi que a imagem que fiz tem pontos, linhas bem definidas”

Fig.15 – Desenho de paisagem com morros, plantas, nuvens e o sol.



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018.

Conforme a aluna que fez o desenho acima:

“Procurei mostrar uma paisagem onde mostra muitos elementos da natureza que são muito importantes para a preservação do meio ambiente. Quero dizer que adoro desenhar só que nunca tinha experimentado pintar com os pigmentos de tintas de argila e açafraão e foi muito legal porque percebi que a argila preta misturada com o açafraão que é amarelo dá a cor verde. Muito interessante.”

Fig.16 – Desenho de paisagem com morros, plantas, nuvens e o sol.



Fonte: Experiência do projeto Arte da Natureza. 2018.

O autor do desenho acima esclarece o porquê do seu trabalho ter sido dessa imagem do pé de cacau bem carregado, com folhas verdes e frutos amarelos.

“ Quando a professora começou a falar da importância da preservação do meio ambiente lembrei logo da roça de cacau da minha família, que mesmo com a crise da vassoura de bruxa ainda trabalha com o cacau - cabruca que é um modelo sustentável.”

Com essas atividades pudemos observar que é possível utilizar a matéria-prima de origem mineral e vegetal para produzir trabalhos artísticos. As aulas de arte poderão ser muito mais criativas, pois podemos experimentar novos suportes além do papel, como o papelão e os próprios muros da escola. Como vimos alguns alunos já vislumbraram a pintura de suas próprias casas com essas tintas.

Com o objetivo de produzir tintas a partir da natureza, observamos que houve vários desdobramentos com essa atividade, em relação à própria utilização das tintas e aos conteúdos da arte trabalhados com os estudantes, tais como percepção visual, elementos da linguagem visual, arte ambiental e efêmera, ampliando os repertórios sobre arte, dos alunos.

Pudemos, também, observar que as imagens produzidas aprofundaram o sentido de pertencimento e leitura do mundo em que os estudantes vivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho oportunizou uma grande aprendizagem sobre a obtenção de tintas e também permitiu que professores e estudantes repensassem conceitos e atitudes relativos à Educação no Campo, especificamente, às práticas de arte nas escolas do campo. Pois, conseguimos transformar os recursos naturais em materiais pedagógicos para as aulas de arte, despertando nos estudantes e nos professores/as o gosto pelo fazer artístico, em consonância com a Pedagogia da Alternância.

Durante todo o estudo buscamos analisar as falas dos estudantes, dos colegas professores, que presenciaram o experimento. Uma delas foi relativa a utilização das tintas a partir da argila para a pintura de paredes. Um dos fatores que foi observado pelos estudantes é o fator econômico, pois o custo é ínfimo se comparado às tintas industrializadas. Porém, além disso, a importância desses experimentos para os estudantes está no lugar de obtenção da matéria-prima, o lugar de suas vivências.

Os resultados dos experimentos revelaram que as tintas obtidas na natureza apresentaram características próprias. Algumas vantagens foram, além do preço, a capacidade de fixação da cor, secagem, resistência e aderência.

Consideramos, também, que estes experimentos puderam contribuir para a reflexão sobre o cotidiano dos estudantes do curso de Agroecologia, aproximando a pesquisa a partir de suas realidades, assim como para pensarem nos inúmeros desafios sobre o papel e a inserção do ensino de arte na educação do campo.

Também, podemos dizer que as práticas artísticas, no momento da mística, assim como as atividades com a temática da preservação da natureza, nas aulas de Arte, foram importantes para os estudantes, por ampliar o conhecimento sobre os conteúdos da arte, além das técnicas. De maneira que estamos projetando novas intervenções e atividades, usando as tintas naturais que produzimos para pintar também muros de casas e depósitos de lixo da comunidade rural, onde a escola está localizada. Deste modo, acreditamos que

esse projeto, estará contribuindo, cada vez mais, com a conscientização de um modo de vida sustentável.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cíntia Soares; SANTANA, Maria Ioneide. **Aula de campo e ensino de Geografia**: relatos de experiências com a pedagogia da alternância na EFA São Bento do chapéu. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014. Disponível em:<http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1408124234_ARQUIVO_RELATOS_ARTIGOCINTIA.pdf>. Acesso em 01 de out. 2018.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Vozes, 2004

ARROYO, Miguel. Escola plural. **Proposta pedagógica Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: SMED,1994.

BARBOSA, Ana Mae. **Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas**. In: Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais. Org. Ana Mae Barbosa. São Paulo: Cortez, 2005, p. 98-112.

BARBOSA, Ana Mae T. Bastos. **Recorte e Colagem, Influência de John Dewey no Ensino de Arte no Brasil**. São Paulo: Autores associados/ Cortez, 1982.

BEGNAMI, João Batista. **Pedagogia da Alternância como Sistema Educativo**. Revista da Formação por Alternância. v 1 (2005) Brasília: União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, 2006. v- 1 n. 2 Semestral.

BERMOND, Jhon. **Apostila intuitiva de Pigmentos Naturais**. s/d. Disponível em:<<https://drive.google.com/file/d/0B7u8ZEvXclLbVAycm1HLUIBSWVaT2ZhZHZ1S0IYajZaOXZB/view>>. Acesso em 30 ago. 2018.

CALDART, Roseli Salete. **Sobre Educação do Campo** Brasília: MDA,2008.

_____. **Sobre Educação do Campo** Brasília: MDA, 2008.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 2. Editora: Mc Graw-Hill, São Paulo, 1978, p.107.

CNE. Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo Básica das Escolas do Campo. CNE/MEC, Brasília,2001.

FERNANDES, Bernardes. Os campos da pesquisa em Educação do Campo: espaço e território como categorias essenciais. In. MOLIN, Mônica (org). **Educação do campo e pesquisa**: questões para reflexão, Brasília, MDA, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1983.

FREITAS, Sicília Calado. **Arte e cidade como fundamento para o ensino de artes visuais**: uma proposta de formação continuada para os professores da rede pública municipal de João Pessoa. Encontro nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Florianópolis. 2007

GIL, Antônio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior**. Editora Atlas, São Paulo, 2012.

GIMONET, Claude Jean. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs** – tradução de Thierry Burghgrave – Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: AIMFR – Associação Internacional dos Movimentos familiares de Formação Rural, 2007.162p.

_____. **Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as Casas Familiares Rurais de Educação e de Orientação**. In: Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância: Alternância e Desenvolvimento, 1, 1999. Anais... Salvador: UNEFAB, 1999.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: artes Médicas Sul, 2000

MATTOS, P.; LINCOLN, C. L.: **A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise**. Rev. Administração Pública; 39(4):823-847, janeiro. -. 2018.

NEUWBERRY, Elizabeth. **Os segredos da Arte**. 1. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2005.

OFICINA DE PINTURA - CORES DA TERRA - **(CURSO TÉCNICO AGRONEGÓCIO DE PONTO ALTO)**. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=vGfj0xcO_u8. Acesso em: 20 julho. 2018.

PIANOWSKI, Fabiane. **Educação do Campo e o Ensino de Artes Visuais: contextura**. Disponível em: https://www.academia.edu/11507825/Educa%C3%A7%C3%A3o_do_Campo_e_o_Ensino_de_Artes_Visuais_contexturas. Acesso em: 10 de out. 2018.

PUIG-CALVÓ, Pedro. **Que orientação profissional é possível promover no ensino fundamental**. Revista da Formação por Alternância, Brasília; CEFFA, v.1, n.1,2005.

ROCHA, O. X. I. **A Formação Integral nos CEFFAs**. In: Revista da Formação por Alternância. Brasília: Formal, p. 15, 2007.

SCHAFF, Adam. **A Sociedade Informática**. 3ª edição (edição original europeia, 1985; 1ª edição, 1990), Editora Unesp e Editora brasiliense. São Paulo, 1992.

SANTOS, Natal da Silva dos. **Mística: outra linguagem na escola**. Oziel Alves; (Graduação em Letras) – Universidade Federal do Pará – 2010.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA. Salvador, 1999. Anais. União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil.

TINTA CASEIRA - QUÍMICA ORGANICA/UFSCAR CAMPUS SOROCABA. Vídeo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9ATEtGX5CRQ>>. Acesso em: 15 de julho de 2018.

TOMAR, M. S. **A Entrevista semi - estruturada** Mestrado em Supervisão Pedagógica (Edição 2007/2009) da Universidade Aberta.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VILAS- BÔAS, Cristina. **Pigmentos naturais aplicados à pintura sobre tela**. Relatório. Lisboa, 2012. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7755/1/ulsd_re_Cristina_Vilas_Boas.pdf >. Acesso em 30 ago. 2018.

ZAMBERLAN, Sérgio. **Pedagogia da Alternância. MEPES**. 2ª.ed. Anchieta/ES: Gráfica Mansur,1996. MEPES. Regimento Comum das Escolas Famílias Agrícolas. *Anchieta/ES, 2006*.

ANEXOS



Licenciatura em
**ARTES
VISUAIS**
com ênfase em
DIGITAIS

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia

Questionário do Projeto Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do chocolate Milton Santos, no Assentamento Terra Vista Arataca-Bahia

Roteiro do questionário com sujeitos da pesquisa

Sexo:

Idade:

Nome _____ data _____ hora _____

Estudantes

As questões postas foram as seguintes:

1-Qual é o seu gênero?

2-Qual sua idade?

3 -Você gosta de aula de Arte?

4- O que você mais gosta na aula de arte?

Desenho espontâneo

Colorir com as cores que mais gosta

Pintura com tintas naturais

Outros

5 -Já utilizou verduras, frutos, legumes, folhagens ou argila para fazer tintas em sala de aula?

6- O que você entende por tintas de origem natural?

7-Qual a sua opinião sobre a utilização de tintas naturais como ferramenta para as aulas de pintura.